

PREFÁCIO I

JOSÉ MANUEL PEREIRA DE ALMEIDA

Em boa hora se tomou a iniciativa de se reeditar a tese de doutoramento do Professor Doutor Luís Moita, agora publicada no OBSERVARE-UAL. E muito agradeço o (surpreendente) convite que me chegou no sentido de contribuir para o prefácio desta obra.

De facto, estive envolvido na primeira edição da sua tese e é isso que me proponho contar, ainda que brevemente, numa primeira parte; depois, referir-me-ei, também de forma breve, à obra que agora, de novo, se apresenta.

Acabado de ser ordenado padre, estive um ano no Prior Velho (em 1986-87), antes de ser paróquia. Foi com alguma mágoa que parti para Roma, por indicação do Card. António Ribeiro, para estudar na Pontifícia Universidade Gregoriana, Teologia Moral. Os quatro anos de Roma corresponderiam, afinal, a um período belíssimo da minha vida, tanto mais que fui encontrar a Gregoriana numa das ocasiões mais brilhantes da sua história, tendo estudado com Josef Fuchs, SJ (1912–2005) — que o Luís Moita bem conhecia e refere na bibliografia —, Klaus Demmer, MCS (1931-2014), com quem fiz a tese de mestrado, e Sergio Bastianel, SJ (1944-), meu orientador da tese de doutoramento. Nessa altura, ensinava, na Gregoriana, História da Teologia Moral na Idade Moderna, Louis Vereecke, C.Ss.R. (1920-2012) — fiz com ele todos os cursos que pude! — que esteve no júri das provas de doutoramento do Luís Moita. E até pude aproveitar o diálogo com Bernhard Häring, C.Ss.R. (1912-1998), frequentando o seu último curso na Academia Alfonsiana, pouco antes da edição do seu livro de carácter autobiográfico *Fé, história e moral*¹. Foi então que o Luís me contactou com uma encomenda: a de entregar na secretaria da Academia Alfonsiana os exemplares requeridos para lhe ser conferido o grau de doutor (as suas provas públicas tinham sido vinte anos antes, em junho de 1967). Acabada a edição da tese em junho de 1988, depositados que estavam os exemplares necessários na secretaria da escola, esta minha tarefa estava também concluída.

E é em 1988 que Luís Moita começa a ser Professor da Universidade Autónoma de Lisboa, tornando-se, em 1992, Vice-Reitor.

¹ B. HÄRING, *Fede, storia, morale. Intervista di Gianni Licheri*, Roma, 1989, Borla.

No prefácio, o Autor tem o cuidado de explicitar a sua esperança de que «a sua inevitável desactualização não lhe tenha feito perder a utilidade»².

Estou em crer que não.

E mais: há textos que (aparentemente) dizem respeito a um âmbito restrito do conhecimento; depois, porém, quando os lemos, quando os estudamos, damos conta de que nos abrem horizontes inesperados e permanecem com uma impressionante actualidade. Quem olhe para as diversas partes desta obra e veja uma introdução intitulada “A comunhão eclesial”, um quinto capítulo chamado “A moral de inspiração cristã”, com um ponto sobre “religião e moral”, e outro acerca do “mandamento de Deus e valores morais”... pode temer o pior. Mas, pelo contrário, quem ler um só destes artigos, ou – ainda melhor – quem puder dedicar-se a percorrer o texto, que é de muito agradável leitura, encontrará o convite a não nos conformarmos com o dia-a-dia que conhecemos, como se o “assim-assim” fosse uma fatalidade, para ousarmos inscrever o nosso quotidiano no horizonte da construção da “comunhão humana”.

Podemos fazê-lo com gestos heróicos. Serão mais raros. Mas, no que me diz respeito, sei que o que está à nossa mão – de todos – é realizar o pequeno bem concretamente possível para nós, “aqui e agora” (*hic et nunc*, para usar uma velha expressão latina da Teologia Moral que apela sempre para o concreto da situação em que vivemos).

Muito obrigado, Luís, por nos teres deixado este texto. E ainda bem que é agora reeditado!

Através dele, continuamos a caminhar contigo.

Lisboa, 17 de janeiro de 2024

José Manuel Pereira de Almeida

Pároco de Santa Isabel, Lisboa
Vice-Reitor da Universidade Católica Portuguesa

² L. MOITA, *O sentido moral da comunhão humana*, Lisboa, 1988, 6.